

10 réis — Lisboa e provincias — 10 réis

Anno 2.º 2.ª Serie — N.º 41

Semanario de Caricaturas

EDITOR

Illydio Analyde da Costa

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa da Trindade, 13, 2.º

LYTHOGRAPHIA UNIVERSAL

Largo do Carmo, 16 e 17

Marselheza

Caricaturas de

CHICO LISBOA

Desenhos de

TRINDADE CORREIA

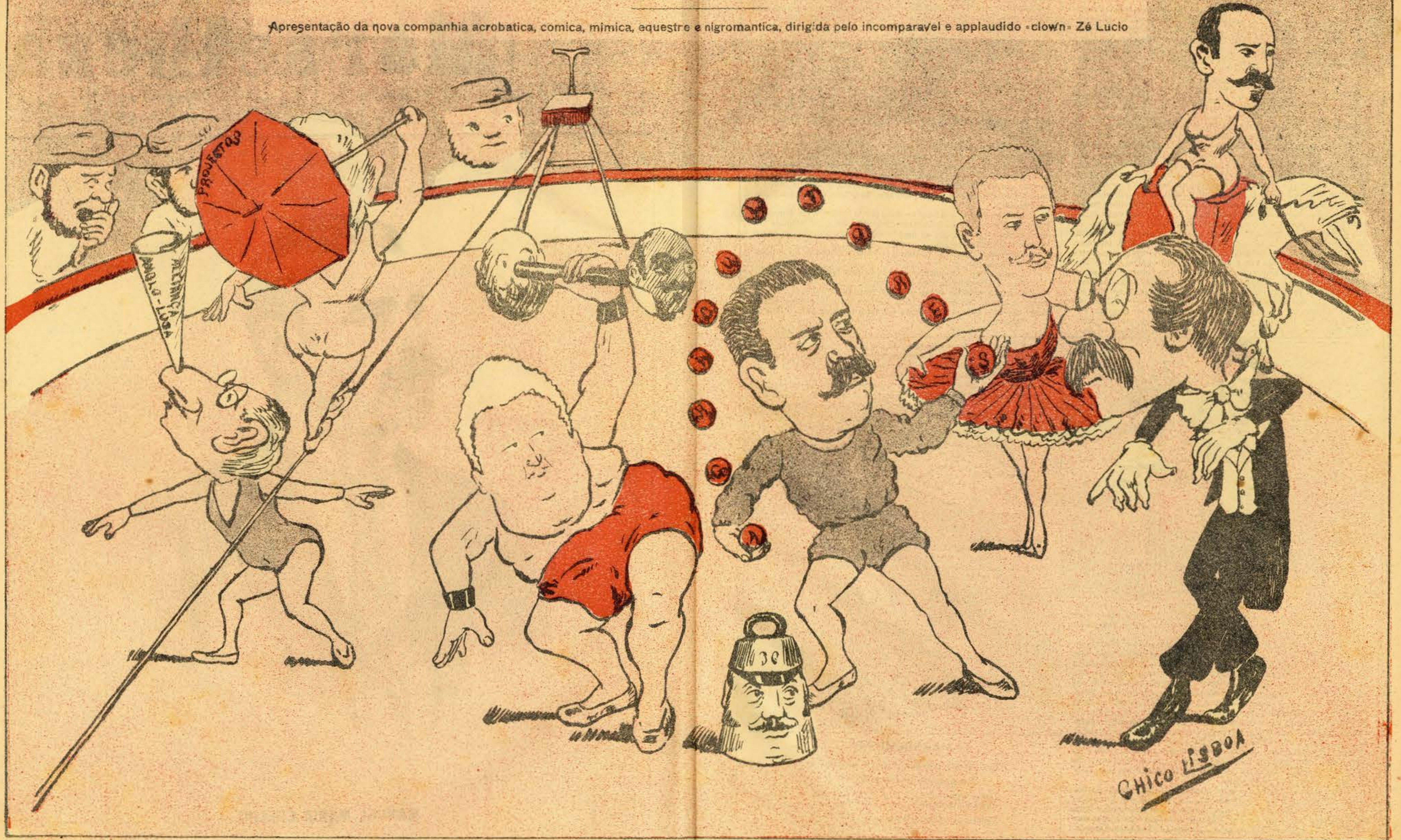
LISBOA, 28 DE AGOSTO DE 1898



MANUEL MARIA COELHO

PORTUGAL-COLYSEU

Apresentação da nova companhia acrobatica, comica, mimica, equestre e nigromantica, dirigida pelo incomparavel e applaudido «clown» Zé Lucio



O tenente Coelho

Acabo precisamente de encontrar agora no fundo de um caixote de livros e de reler curiosamente uma collecção de jornaes portuguezes do mez de fevereiro de 1831 — o mez das repressões, das denunciaes e das cobardias que se seguiu á insurreicção do Porto.

E como é interessante recordor assim o passado n'esses documentos tão salvadores, tão expansivos, tão indiscretos como são os jornaes! Como se palpita de novo! Como se vive! E quantas contradicções, quantas transformações no volver dos annos! Como os factos nos apparecem diversos! Como os homens tem mudado! São velhas folhas de papel impresso, escriptas a correr, nos bancos das redacções, e é a historia, a que ha de comparecer mais tarde, a que já comparece na barra das testemuhas, a depór com solemnidade.

Eis os primeiros dias que succederam á insurreicção vencida. As cadeias estão cheias. Nos hospitales gemem os feridos. Andá gente a monte pelo Norte, procurando a fronteira. Em muitos domicilios abrigam-se foragidos. A policia descobre dois insurrectos entapados n'um vão de escada, onde — escreve um jornal — difficilmente caberia um. Exhaustos, renunciando a fugir, outros entregam-se. Nas ruas do Porto, a multidão pasma diante dos destroços das balas. Em Lisboa houvera panico nas primeiras horas da insurreicção. Na arcada, perguntava-se a cada momento, vendo passar a galope as ordenanças e os correios dos ministros: o que ha? As correspondencias dos jornaes do Porto reflectem um estado angustioso. Mas logo chegaram as boas noticias. A revolta fôra suffocada. E respirou-se. Contudo, a inquietação não desapparece. Está feita uma atmosphera de alarme. Circulam boatos de sublevações aqui e ali, ao mesmo tempo que da insurreicção se começa pouco a pouco a conhecer uma verdade maior. Entretanto, os dias passam e uma crescente confiança vai substituindo o sobresalto das primeiras horas. A reacção levanta então a cabeça. A imprensa dá o espectáculo de uma cobardia sem limites. Um jornal de estudantes *o Patria* levanta a sua voz generosa, mas estrangulam-l'ha. Fialho d'Almeida lança se calorosamente na defeza dos rebeldes, no seminario *Os Pontos nos II*, immediatamente supprimido. E' tudo. *As Novidades* tomam a peito as represalias, e n'ellas se falla como nos dias em que o sangue dos vencidos deve correr. O jornal *Diario Illustrado* escreve infamias de pasquin. Tudo está empenhado na vingança. Fazem-se delações, indigítam-se reus, indigítam-se cúmplices. São accusados funcionarios publicos, como o director da Relação, de mostrar

excessiva piedade pelos prisioneiros. Outros, menos corajosos, não ousando pronunciar-se, choramingam sobre as desgraças da Patria, a que viera juntar-se mais essa. Nas proprias fileiras republicanas ha defeccções, pusillanimidade, medo. Ninguém quer solidariedades com revoluções vencidas. O desastre transforma os promotores do movimento em simples desastrados. Allega-se indisciplina partidaria e não sei que outras mentiras. E' um recuar pavoroso de consciencias.

Depois desata tudo a rojar-se. O *Diario do Governo* enche todos os dias as suas colunas com felicitações de municipalidades, convidadas a pronunciar-se, pelas autoridades do governo central. No quartel da municipal do Porto chevem os bilhetes de congratulação. Timidos soldados apparecem-nos de um momento para o outro deslumbrantes heroes. As palavras lealdade, fidelidade, disciplina andam em todas as toccas.

Entretanto, nós, nos nossos carcereos, assistimos a tudo isto de braços cruzados, perguntando uns pelos outros atravez das paredes que nos separam...

Foi n'essa epocha, que hoje parece tão longinqua, que eu me liquei por uma intima affeição ao que era então ainda o tenente Coelho. Avistámo-nos uma ou outra vez n'esses conciliabulos que foram a antecâmara da insurreicção. Depois juntámo-nos a bordo de um navio de guerra, ahi em Lisboa, n'esse pequeno coraçõ de cuja amura a nossa vista abrangia o largo panorama da grande cidade que ficára por libertar.

Abalámos para a Africa os dois, por lá andámos em liberdade e em serviçã e d'essa intimidade contrahida em circumstancias tão pouco banaes, resultou que eu fiquei conhecendo e amando um nobre espirito e um bravo coração.

Foi o meu cúmplice, passou a ser o meu companheiro e ficára sendo o meu amigo.

O que é isto? O episodio da vida de dois homens?

Não. O episodio da vida de um facto.

Dentro da historia de um principio nada se deve desprezar, nem sequer o aperto de mão que dois homens trocam, porque n'esse aperto de mão está muitas vezes um facto e n'esse facto o futuro.

Madrid.

JOÃO CHAGAS.



Para gaudio e contentamento do povo lusitano, damos hoje o retrato do *Bacoco d'Almada*, esse Cupido em segunda mão, que o bom humor de um Figaro qualquer do sitio tem posto o sal na moleira ha um bom mez a esta parte:

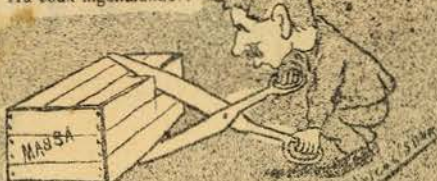
O leitor conhece o caso. Resume-se no facto de um *mancebo* de sessenta e tantos annos se lembrar a ultima hora arrastar a aza a uma *franga* de quinze ditos, fresca, bella e encantadora, e que veiu a este mundo, coitada d'ella, para gosar das delicias do hymineu com um *pollo* de alto lá com elle, e jamais para se ir penitenciar com o *artigo* em questão, velho e velho, lanzado e *negado*. A pequena, é claro, falta-l'he á sorte, e eis o amigo *Bacoco 2.º* na loja de barbeiro do sitio, chorando a sua desdita. Figaro, que tem lume no olho, acha um meio de politar os dentes em toda esta scena, e propõe-se perante o *vegete* a fazer chegar ás boas a ingrata. Simula as pazes e trata de paramentar a seu modo o tólo velho, deitando-l'he a barba abaixo, tingindo-l'he o bigode, frzando o, etc., e, para o tornar mais appetitoso, farda-o de chapéu alto com flores de laranja, gravata e luvas brancas; e, de botas de montar, á guisa de cavalleiro em tourada d'obsequio, falo retratar da fórma que estão vendo.

Não pára aqui a scena. Figaro queria mais chuchadeira. Assim, indica ao paciente o dia das bodas, mas dia fatal, porque no trajecto para a igreja é *filado* por um argus da policia, que põe terço á *farça* *engasgando* o barbeiro, que se o não mandam fazer alto atravez com o velho, com farpella e tudo, para o manicómio de Rilhabites. Eis tudo.

A *Lanterna*, meio admirada, dá-nos conta succinta de uma operação de *mão baixa*, feita á Casa da Moeda, n'uns caixotes com cobre, e conclue por nos dizer que os implicados n'esta scena de moral e bons costumes trabalharam na *secção do corte*.

Está certo. Não tem nada que se admirar. Seria caso de espanto se a gente do *corte* lhe dêsse na tinea para accrescentar a *massa* nos caixotes.

Ha cada ingenuidade.



Em Boiças, — ou terra que pelo nome não perca, — dizem os jornaes da provincia que dois professores de instrucção primaria, por questões do seu magisterio, se aggrederam á dentada.

O governo não lhes paga, e sendo o fome inimiga da virtude, em casos de apuro comem-se uns aos outros, a exemplo do que aconteceu nos dois grillos do inglez.



"MARSELHEZA"

Assignaturas por series de 24 exemplares

(Pagos adiantadamente)

Lisboa e provincias.....	360 réis
Africa e estrangeiro.....	720

Vendem-se collecções d'este jornal.